

O ARMÁRIO AMPLIADO – NOTAS SOBRE SOCIABILIDADE HOMOERÓTICA NA ERA DA INTERNET¹

Richard Miskolci

Universidade Federal de São Carlos

E-mail: ufscar7@gmail.com

Resumo: Este artigo analisa os resultados preliminares de uma incursão etnográfica em salas de bate-papo gay voltadas para o público masculino de São Paulo, buscando compreender a sociabilidade homoerótica na era da internet. Explora como os usuários articulam o uso de plataformas da rede (bate-papo, sites de relacionamento, de anúncios de busca de parceiros e Messenger) para a criação de contatos pessoais face a face, os quais se constituem pelas mesmas características que os originam on-line: possibilidade de acesso individualizado e secreto. Por fim, busca compreender alguns dos dilemas e das promessas da rede na criação de relações de amizade, amorosas e sexuais impensáveis para gerações anteriores.

Palavras-chave: sexualidade; internet; segredo; meio; armário; teoria Queer.

Segundo Eve Kosofsky Sedgwick (2007), o armário é um regime de controle da sexualidade que rege e mantém a divisão binária hetero-homo da sociedade ocidental desde fins do século XIX. Ele se caracteriza por um conjunto de normas nem sempre explícitas, mas rigidamente instituídas que faz do espaço público sinônimo de heterossexualidade, relegando ao privado as relações entre pessoas do mesmo sexo. Em suas palavras,

Ao final do século XIX, quando virou voz corrente – tão óbvio para a Rainha Vitória como para Freud – que conhecimento significa conhecimento sexual e segredos, segredos sexuais, o efeito gradualmente reificante dessa recusa significou que se havia desenvolvido, de fato, uma sexualidade particular, distintamente constituída como segredo. (2007, p. 30)

¹ A versão final deste artigo foi enriquecida pela leitura crítica e as sugestões de Larissa Pelúcio, Oswaldo Lara, Guilherme Cristofani e de alguns de meus colaboradores na pesquisa. Agradeço também aos pareceristas da *Gênero* por suas leituras criteriosas.

A homossexualidade foi “inventada” como segredo e – em contextos culturais e históricos que a perseguem – tende a existir inserindo no armário aqueles que nutrem interesses por pessoas do mesmo sexo. Portanto, o *closet* não é uma escolha individual, e a decisão de sair dele tampouco depende da “coragem” ou “capacidade” individual. Em contextos heterossexistas, “assumir-se” pode significar a expulsão de casa, a perda do emprego ou, em casos extremos, até a morte. Por isso, historicamente, a maioria de homens e mulheres que se interessavam por pessoas do mesmo sexo viveu em segredo, o que lhes legava uma sensação de serem únicos e viver o fardo de um desejo secreto sem ter com quem compartilhar temores e sofrimentos.²

No presente, indivíduos “no armário” se deparam com um cenário distinto graças à internet. A possibilidade de estabelecer contato sem exposição alçou a rede a um papel central na vida de boa parte destes sujeitos, a ponto de muitos nem conseguirem se imaginar “desconectados”.³ A era da internet parece tê-los libertado da maioria das restrições do armário, hipótese que resolvi testar por meio de uma incursão etnográfica nas salas de bate-papo *gay* voltadas para o público masculino de São Paulo e do Rio de Janeiro. Logo fui obrigado a priorizar as salas paulistanas por conhecer melhor a geografia “real” da cidade, as gírias e demais componentes de uma sociabilidade *on-line* intrinsecamente associada à *off-line*. Além da necessidade da delimitação geográfica tradicional para compreender o uso do *chat*, deparei-me com o fato de que seus usuários associam a ele outras plataformas. É por isso que, neste artigo, esboço reflexões sobre a constituição de relações entre homens por meio da internet com o uso das principais plataformas de comunicação no presente: bate-papos, sítios de relacionamento (como Orkut e Facebook), anúncios de procura de parceiros amorosos ou sexuais (como Manhunt, Disponível, Gaydar, Troca-Troca etc.) e Messenger (programa de troca de mensagens instantâneas muito popular entre os internautas).⁴

A incursão etnográfica foi feita entre dezembro de 2007 e junho de 2008 e seguiu dois procedimentos complementares: um de aproximação pelo conteúdo “externo” da plataforma (dados possíveis de acessar sem interação com os usuários), e o segundo foi o de “imersão” no campo. Primeiro busquei entrar nas salas várias vezes ao dia para contabilizar o número de usuários, reconhecer e registrar os apelidos mais

² Sobre este tipo particular de solidão, consulte Foucault e Sennett (1981).

³ Segundo o IBOPE, em maio de 2008, 41,5 milhões de pessoas tinham acesso à internet no Brasil. Destas, 35,5 acessavam de suas residências, mas um número expressivo de 6 milhões a acessava por uma vasta rede de *lan-houses* ou *cyber-cafés* espalhada por todo o país. Durante minha etnografia, entrei em contato com homens de bairros periféricos e pobres de São Paulo, os quais teclavam destes locais. O acesso via rádio ou com a tecnologia 3G conecta até pessoas em trânsito ou que vivem na zona rural.

⁴ Sobre as particularidades do Orkut, consulte Dornelles (2004) e Parreiras (2007). No que toca ao Messenger, trata-se de uma plataforma auxiliar independente. Muitos usuários a utilizam para manter contato com amigos e familiares, troca de arquivos (especialmente fotos) de forma imediata e videoconferência com o uso de uma câmera conectada (ou embutida) no computador. Na história da internet, este tipo de programa de troca de mensagens (ou contato por voz) tem evoluído e criado verdadeiras “épocas” como a do IRC, MIRC, ICQ até chegar aos Messenger e Skype, os mais populares hoje em dia, mas cuja dinâmica de inovação constante da rede pode tornar obsoletos e substituir.

usados, as práticas procuradas, a faixa etária, o estado civil, os marcadores raciais e geográficos (bairros), além de mapear a rede de serviços oferecida nestes “locais”. Tal aproximação preliminar me custou três semanas de conexões diárias em três a quatro horários distintos para tentar construir um retrato representativo dos frequentadores.

As salas de bate-papo mais populares entre os paulistanos são as do portal Universo Online (UOL), as quais comportam até 50 participantes e – à época da investigação – eram numeradas da 1 à 35.⁵ Apenas assinantes do provedor têm acesso a salas com mais de 30 usuários. As primeiras são sempre mais cheias, e abaixo da número 5 começam a se concentrar usuários que não são clientes do provedor, vivem em bairros periféricos ou em cidades da região metropolitana. As salas 34 e 35, por exemplo, costumavam ser frequentadas por usuários da região do ABC (Santo André, São Bernardo e São Caetano do Sul). Nunca encontrei todas as salas em uso, mas qualquer que seja o horário ou dia pesquisado, as primeiras dez contam com público.⁶ Este é heterogêneo e com algumas variações ao longo do dia no que toca ao local de acesso à plataforma (do trabalho durante o dia, à noite de casa ou em *lan-houses*), à faixa etária (há maior presença de comprometidos e casados nos horários menos marcados pelos encontros familiares como jantares ou fins de semana) e aos interesses eróticos (perfis mais sexualizados e propostas de sexo rápido parecem mais comuns no fim da noite).

Após esta aproximação inicial e o reconhecimento das características gerais da plataforma, decidi “imersão” no campo. Entrei nas salas e procurei “conversar” com os usuários de forma a compreender as distinções expressas além dos apelidos, as quais só se tornam compreensíveis por meio da interação com eles, o acesso às descrições físicas, vocabulário e valores. Tentei me identificar imediatamente como pesquisador para os usuários, o que resultou em formas diversas de rejeição: do bloqueio de minhas mensagens à frequente rejeição da conversa ou interações pouco naturais e limitadas. Concluí que as características deste campo permitiam interação anônima, o que facilitava o cumprimento do compromisso ético de preservar a identidade e as informações pessoais de meus colaboradores para não expô-los a qualquer

⁵ No segundo semestre de 2008, a plataforma de bate-papo do UOL foi aperfeiçoada e modificou, além da aparência estética, a divisão e a organização do acesso às salas. Minha pesquisa foi feita quando o acesso era por meio da divisão Gays e Afins, mas agora ele se dá por meio da divisão Gays, Lésbicas e Afins, a qual apresenta uma subdivisão aparentemente inspirada no movimento GLBTT: gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. No que toca ao número de salas da subdivisão Gays, agora elas vão da 1 à 30 com a classificação São Paulo e, abaixo, 16 salas para usuários de oito cidades do Estado (duas para cada uma delas). As salas são para a Grande São Paulo (apenas Guarulhos), litoral (apenas Santos) e seis para localidades do interior do Estado: Bauru, Campinas, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, São José dos Campos e Sorocaba.

⁶ Durante a semana, pode verificar que o horário menos frequentado é entre 3 da madrugada até o meio-dia. À tarde aumenta o número de usuários, e o auge da frequência se dá entre 22h e 2h da manhã. Nos finais de semana e feriados a dinâmica se altera com a ampliação do número de usuários à tarde e madrugada adentro. No auge da frequência, as salas da divisão Gay e Afins – São Paulo chegavam a contar com mais de 600 usuários e nos horários menos visados, em torno de 150. Segundo as entrevistas e minhas observações de campo, é possível dizer que cada internauta passava cerca de três horas no *chat*, o que permitiria calcular o número médio de usuários das salas da cidade de São Paulo, em um dia, como superior a 2.500.

constrangimento.⁷ Assim, sem me identificar como pesquisador, podia interagir com eles de forma “participante”, na verdade, uma estratégia investigativa para preservar e apreender os códigos culturais.

Precisava de um apelido para me tornar um usuário do bate-papo e interagir. Fiz muitos testes até optar pelo uso de nomes próprios, os quais se impuseram como meio para não me apresentar como alguém que buscava algum tipo determinado de parceiro. Dentre os nomes testados, descobri que Antonio evocava idade mais avançada e Rafael, juventude, enquanto nomes como Paulo e Marcelo não pareciam associados a nenhuma faixa etária ou origem social clara. Passei a frequentar as salas com estes apelidos “neutros” e teclar com usuários os mais diversos em relação à variação etária, classe social, formação educacional, origem étnico-racial e bairros. Passei semanas conhecendo os códigos de sociabilidade daquele ambiente por meio de conversas que constituíram entrevistas prospectivas. Após mais de uma centena delas, consegui identificar perfis recorrentes, os quais selecionei como representativos e decidi entrevistar em profundidade.⁸

Neste estágio mais avançado de inserção no campo, em que passaria a lidar com meus colaboradores de forma mais individualizada, considerei necessário me apresentar como sociólogo, expor os objetivos da pesquisa e solicitar autorização dos usuários selecionados para entrevistá-los pelo Messenger. Não pedi tampouco nenhum dos colaboradores forneceu dados como nome completo (a maioria se apresentou com o apelido do *chat*), endereço ou quaisquer outros dados pessoais que permitisse alguma forma de identificação que os expusesse socialmente. Ainda que metade dos convidados para a entrevista em profundidade a tenha recusado, consegui obter 13 entrevistas semiestruturadas, nas quais deixei se expressarem o mais livremente possível, de forma a reconstituir seu perfil social, interesses, visões sobre a internet e as relações ali forjadas.

Constatei que – a despeito de o *chat* estar na subdivisão Sexo do *site* e serem comuns apelidos evocando tipos, posições e práticas sexuais (como Boy, Ativo e Suruba) – é elusivo associar estes espaços direta e exclusivamente à busca de sexo. Não por acaso, uma das primeiras questões que surgem ao se iniciar uma conversa é: “O que você procura?” Respostas usuais são “O que rolar” ou “Alguém interessante para ver o que acontece”. Corroborando esta percepção a existência de um número pequeno, mas constante (cerca de 10%), de usuários que se utilizam de nomes próprios como

⁷ A maioria dos usuários de *sites* com conteúdo homoerótico o faz em sigilo e com muito cuidado. É comum que apaguem diariamente o histórico de seus navegadores e, diante de problemas técnicos, precisam confiar seus computadores a alguém que preserve (ou apague) conteúdos comprometedores.

⁸ As entrevistas feitas nas salas de bate-papo foram mais curtas e genéricas, pois os usuários tendem a usar a plataforma apenas como meio de seleção de pessoas com as quais pretendem ter interações mais personalizadas e/ou íntimas via Messenger. A despeito das limitações, este estágio da pesquisa nas salas permitiu a identificação dos valores e critérios que regem o uso da plataforma como meio de seleção de parceiros para amizade, namoro ou sexo.

apelido. Invariavelmente, os nomes são distintos dos reais, mas sinalizam a necessidade de inserção personalizada na busca de contatos que podem ser de ordem não sexual. Por fim, mas não por menos, há também aqueles que usam *nicknames* como “KroNamorado” ou “Sério”, entre as diversas formas de expressar interesse em compromisso duradouro.

As falas de meus colaboradores reiteram uma relação intrínseca entre vida *on-line* e *off-line*, ou seja, não existe oposição entre duas formas de sociabilidade excludentes. O uso da internet costuma se associar à constituição de contatos e redes de relacionamento que frequentemente se estende para a vida social. Daí considerar um equívoco denominar de sociabilidade virtual o que investiguei. Trata-se de uma nova maneira de articular à vida cotidiana esta ferramenta chamada *web*, daí o subtítulo do artigo denominá-la de sociabilidade homoerótica na era da internet. A escolha do termo homoerótico deve-se ao fato de que – a despeito da variedade de interações com as quais me deparei (busca de companhia, amizade, sexo, namoro, “casamento”, apenas conversa) – todas elas giram em torno do desejo e/ou prazer erótico com pessoas do mesmo sexo, no caso em estudo, relações entre homens. O termo homoerótico desvincula esses desejos de identidades sexuais fixas, o que vai ao encontro da realidade que descobri, na qual muitos não se consideram tampouco aspiram ser reconhecidos como homossexuais, *gays* ou bissexuais.

Enquanto a *web* amplia as possibilidades já existentes para relações heterossexuais, para pessoas que buscam se relacionar com outras do mesmo sexo a rede criou um espaço inédito para se socializar. Historicamente alijadas da maior parte do espaço público, sexualidades marginalizadas tenderam a se restringir a locais de encontros e espaços reduzidos das grandes cidades,⁹ deixando pouca ou nenhuma opção para a maioria que vivia (e vive) em cidades médias, pequenas, na zona rural ou mesmo na periferia das metrópoles. A despeito das polêmicas e imprecisões, esses territórios foram chamados de *guetos* e, após a rebelião de Stonewall em 1969, de bairros *gays*. Estes floresceram durante as décadas seguintes na América do Norte e na Europa, mas na maior parte do mundo jamais se constituíram. Tal restrição espacial incentivou o *cruising*, a paquera *gay* itinerante, um resultado do caráter “sem lugar” da homossexualidade em sociedades conservadoras como a brasileira.

Na década de 1990, ao mesmo tempo que os bairros *gays* começaram a decair nos países centrais, no Brasil, alguns pesquisadores consideraram que o “gueto” ou “o meio” começou a dar lugar a um circuito comercial complexo e geograficamente amplo (FRANÇA; SIMÕES, 2005). Associada a este circuito, a partir de 1997, a internet comercial iniciou seu processo de expansão no Brasil transferindo, ampliando e até mesmo recriando o espaço para a socialização de sexualidades dissidentes. A rede

⁹ O processo histórico de imigração de *gays*, lésbicas e outras pessoas com interesses homoeróticos para os grandes centros foi estudado – entre outros – por Chauncey (1995), Eribon (1999) e o caso brasileiro, por Green (2000).

expandiu códigos do universo lésbico e gay metropolitano (sobretudo de São Paulo e do Rio de Janeiro) para o resto do país, assim como o inseriu mais diretamente em um circuito internacional. Até hoje a maioria dos sítios de relacionamento, anúncios e os messengers são programas criados e cujas sedes ficam nos países centrais, especialmente nos Estados Unidos. Em versões em português e com conteúdo adaptado ao Brasil, eles unem o mercado global aos interesses locais que não mais se resumem aos dos moradores dos grandes centros.

A *web* estendeu o código-território da homossexualidade para mais pessoas nas metrópoles e nos recantos do interior do país.¹⁰ Nestes locais, a maioria jamais quis (ou pôde) se expor de forma a frequentar algum local claramente gay ou lésbico. Estes indivíduos, os quais, pelas razões as mais diversas (geográficas, econômicas, puro e simples preconceito), se consideram “fora do meio”, encontraram na *web* uma forma de conhecer parceiros e até fazer amizades sem o ônus da exposição de seus interesses eróticos no espaço público.

Vista dessa forma, a internet revela sua dupla face: facilitadora de contatos e constituição de redes, mas mantenedora da imagem dominante do espaço público como sinônimo de heterossexualidade. Se ela, de um lado, permitiu o rompimento do isolamento de homens e mulheres que tendiam a imergir em crises existenciais profundas pela falta de alguém para compartilhar temores, dores e sonhos, de outro, auxiliou a manter a visão dominante de que qualquer “meio” compartilhado por homo-orientados seria moralmente duvidoso. Em outras palavras, a internet tomou o lugar dos antigos guetos urbanos ou o “mito” cultural do “meio” e se tornou passagem quase obrigatória para sujeitos que nutrem desejos homoeróticos em sua autodescoberta, contatos sexuais ou amorosos e a criação de redes de apoio.

Quando a internet é “o meio”

São recorrentes em anúncios sexuais, na apresentação em bate-papos ou mesmo em perfis de redes de relacionamento como o Orkut afirmações como “sou fora do meio” ou “procuo alguém fora do meio [como eu]”. Estas apresentações parecem resquícios do tempo pré-internet, em que os pontos de encontro de culturas sexuais não hegemônicas eram vistos como marginais, perigosos e denunciadores de uma identidade socialmente perseguida. Um olhar mais atento revela que estas autoapresentações denotam uma valorização dupla: da rede como forma de socialização “limpa” e de seu papel na manutenção da crença de que a vida em sociedade é (ou deveria permanecer) heterossexual.

¹⁰ Sobre o conceito de “código-território”, consulte o clássico estudo de Néstor Perlongher, *O negócio do michê*, e a análise que desenvolvi com Larissa Pelúcio na nova apresentação do livro intitulada “Aquele não mais obscuro negócio do desejo” (MISKOLCI; PELÚCIO, 2008).

O privilégio do contato pela *web* se mescla à percepção – não necessariamente articulada em palavras – de que ser ou estar “fora do meio” é ser “normal” e expressar a capacidade de desaparecer como parte da maioria (compreendida como hetero). Trata-se de um paradoxo, pois a rede já se constitui – ao menos em parte – como o próprio meio em que tais culturas sexuais se desenvolvem. Além disso, a valorização da capacidade de “desaparecer” discretamente na sociedade oblitera o fato de que em busca de proteção se reforça a mesma ordem simbólica que historicamente oprimiu e relegou às margens (ao “meio”) as sexualidades em desacordo com as normas dominantes.

A internet como o “meio” de hoje cria a ilusão de que este está relegado aos locais associados a certo circuito de sociabilidade e consumo rotulado de *gay* ou GLS. O termo “meio” evoca boates, bares ou as ainda mais estigmatizadas saunas ou regiões de prostituição. Curiosamente, na *web*, quer seja em sítios de relacionamento, quer de anúncios sexuais ou mesmo nos bate-papos, abundam propagandas sobre estes mesmos locais; além disso, produtos e profissionais do sexo oferecem neles seus serviços. Nas salas dos *chats* voltadas para o público *gay* masculino, por exemplo, há um número considerável de garotos de programa,¹¹ massagistas, propostas de apólice de seguro, planos de saúde, técnicos de informática *gay*, serviços de estética, pessoas que procuram usuários ou vendedores de drogas.¹² Tudo em meio a rapazes que buscam sexo imediato, namoro, “casamento”, amizade, alguém para conversar ou ir junto a alguma casa noturna. Não resta dúvida, o “meio” pode permanecer estigmatizado, mas ele migrou para a *web*.

O que estaria por trás da autoapresentação recorrente como “fora do meio”? Aparentemente a força da visão dominante que liga qualquer espaço *gay* a um local “impuro”, ponto de contato com outras formas de marginalidade social, sobretudo o poderoso mito socialmente construído por décadas de associação da homossexualidade com o desvio e a criminalidade. Diante desta velha imagem – cujo poder não arrefeceu –, emerge a internet como local privilegiado por ser supostamente “limpo” e possibilitador de uma seleção de contatos. Utopia cibernética de um espaço em que a autonomia do indivíduo se imporia às regras sociais e também aos aspectos negativos da cultura sexual em que pode viver seus desejos, mas com a qual não se

¹¹ Constatei que os serviços sexuais são mais oferecidos nos horários de maior frequência (especialmente após as 22h) e tendem a se concentrar nas primeiras salas do *chat*, pois, além de serem as mais cheias, é nelas que há mais assinantes do *site*, o que é compreendido pelos prestadores de serviço como um filtro para os que possuem maior renda. Nos dias e horários mais procurados, estas salas chegam a ter entre 10% a 20% de garotos de programa, o que, somado aos outros serviços, algumas vezes alcança até um quarto dos presentes na sala. A maioria dos garotos de programa utiliza o *cifão* como parte do apelido, o que os alça ao alto (início) da lista de usuários na sala de bate-papo, dando-lhes mais visibilidade e fácil reconhecimento. Ao acessar os *links* que fornecem para seus perfis em *sites* de relacionamento, deparei-me com frases como “estou na pista para negócio”, forma que encontraram para driblar a regra que proíbe anúncios comerciais nestes sítios.

¹² É relativamente pequeno o número de usuários que buscam práticas sexuais heterodoxas ou sexo sem camisinha nas salas de bate-papo. Provavelmente, sua proporção nas salas pouco difere da existente na sociedade como um todo e apenas é mais visível entre *gays*.

quer ver associado, tampouco dividir qualquer ônus. A *web* acena com a possibilidade de vivenciar seus desejos desvinculando-os de estigmas. Promessa fascinante: inserir-se na rede tornaria possível entrar “no meio” como se estivesse fora dele. O acesso individual e secreto permite circular por espaços interditos no cotidiano, conhecer pessoas, estabelecer redes, tudo aparentemente desvinculado de qualquer contradição com a ordem social dominante.

A internet possibilita a escolha de parceiros amorosos. Além das vantagens já expostas, permite maior definição do parceiro no que toca a gostos sexuais, características físicas e socioculturais. Como me disse no *chat* um rapaz de 26 anos, funcionário público de nível superior e que reside nos Jardins, bairro de classe média alta paulistano: “Posso saber facilmente o que o cara gosta na cama, o que seria quase impossível se conhecesse a figura numa boate ou festa.”¹³ Por outro lado, na *web* predominam descrições corporais e fotos sujeitas a leituras distintas e até contraditórias, como atesta um homem de 32 anos, bancário, morador da Zona Norte, com um histórico de “insucessos” na busca de um relacionamento duradouro:

O cara se dizia forte e nas fotos não dava pra perceber, mas ele era é gordo mesmo... e tinha uma pele horrível, que me fez pensar se não tinha usado *photoshop* [programa de correção de imagens] na foto de rosto que me mostrou.

A maioria dos homens que entrevistei articulam várias plataformas da internet em sua vida social, mas, por vivenciarem sua sexualidade de forma secreta, tendem a duplicar seus perfis, mantendo um “oficial” (elusivamente chamado de verdadeiro) que atende às demandas de conformidade com os valores sociais e outro no qual expressam seus reais interesses. Uma mesma pessoa costuma ter dois perfis no Orkut (um para adicionar como amigos membros da família e colegas de trabalho e outro que podemos compreender, a partir da classificação de Parreiras [2007] como *Masks*, perfis que não podem ser chamados de falsos, pois revelam mais sobre os desejos e aspirações destas pessoas do que o oficial), pode ter um ou mais anúncios de busca de parceiros (um “sério” e outro voltado para encontros sexuais anônimos), frequentar *chats* e acrescentar contatos vindos de todas as plataformas anteriores em seu Messenger. Também neste caso, a maioria relata ter dois: um para a família e rede social hetero e outro para os contatos amorosos ou sexuais.

Facilmente, alguém neste universo das relações homoeróticas forjadas *on-line* tende a desperdiciar um tempo considerável na manutenção de tantos perfis, daí não ser

¹³ A maioria dos usuários parece crer nas “posições sexuais” (a tríade ativo, passivo e versátil), as quais expressam nos apelidos ou nas conversas em particular. No entanto, esta “naturalização” das posições em verdadeiras identidades fixas contrasta com as práticas. Constatei nas entrevistas que a maioria dos usuários prefere perguntar ao outro suas preferências e se adequar às circunstâncias (se ele é atraente, mora próximo, parece ter valores comuns etc). Daí não ser raro que à pergunta “O que você curte?” sigam respostas como “tudo” ou gradações – quando a conversa já avançou – como “tudo menos ser penetrado” ou “tudo, mas prefiro ser ativo”. Em outras palavras, há maior fluidez e negociação nas práticas sexuais entre homens do que aponta a velha tríade ativo-passivo-versátil, que se inspira em um modelo de relação sexual reprodutiva hetero centrada na penetração.

raro o relato de que “vivo *on-line*” ou “mantenho o micro ligado 24 horas”. Ao fazer a etnografia após a meia-noite, constatei ser comum deixarem o Messenger ligado com a mensagem “dormindo” ou simplesmente o equivalente “Zzzzzz”. Os sítios com anúncios de busca de parceiros amorosos ou sexuais adotam e até alimentam este comportamento, pois os perfis dos usuários *on-line* tendem a atrair maior número de respostas. Muitos perfis trazem observações como “posso aparecer *on-line*, mas não estar na frente do computador”.¹⁴

A associação de plataformas pode gerar uma verdadeira “avalanche” de contatos adicionados no Messenger. Um de meus informantes relatou ter mais de 500, e vários dizem ter que “fazer faxina” frequentemente na lista, ou seja, apagar contatos que foram adicionados e que resultaram em “nada”. É comum ouvir reclamações de que a maioria constitui uma vida paralela *on-line* e não busca contato real.¹⁵ Diante disto, há os que aboliram o uso do Messenger e decidiram se ater a contatos por anúncio de relacionamento, troca de telefones e encontro real. Algo é certo: se na era pré-internet faltavam contatos ou eles eram reduzidos, hoje, ao menos nas grandes cidades, eles abundam e a seleção se torna fundamental.¹⁶

De certa forma, a escolha já se inicia na entrada na rede. Em um *chat*, por exemplo, a definição do apelido serve para delimitar a autoimagem e quem procura. Em visitas frequentes ao bate-papo do UOL, constatei a diversidade dos que dividem estes “espaços” no que toca à variação etária (dos 15 aos mais de 60 anos); estado civil (solteiros parecem maioria, mas há um número nada desprezível de noivos, casados ou que se apresentam como tendo “mina” ou “namorada”); origem geográfica (dos bairros mais ricos aos mais pobres); situação sociocultural (de pós-graduados a pessoas com graves erros de português; de profissionais liberais e empresários a trabalhadores manuais); “raça” (negros, mulatos, orientais e mestiços tendem a usar como parte de seu apelido a origem étnica); e meios de acesso (desde casa, no trabalho, em *lan-houses* da periferia ou do centro da cidade até em trânsito, por

¹⁴ De acordo com os dados que recolhi durante a pesquisa, atualmente os sítios de anúncios pessoais mais usados em São Paulo são Disponível, Manhunt e Troca-Troca. Há distinções de forma entre eles, mas o recorte de classe é pouco presente. Constatei que à noite, no horário de maior frequência (após as 22h), o Manhunt chega a ter mais de mil usuários *on-line*. O uso destes *sites* é dinâmico e muitos usuários têm perfil em todos eles. Às vezes até mais de um perfil em cada *site* (um para busca de relacionamento amoroso e outro para contatos sexuais).

¹⁵ A sociabilidade desenvolvida *on-line* tem algumas características distintivas com relação à *off-line*, dentre as quais se destaca esta possibilidade de “coleccionar contatos” e “deletá-los”, o que aponta tanto para a facilidade de criação de redes extensas quanto para sua rápida dissolução. A “etiqueta” *on-line* tende a sofrer considerável mudança quando se conhece a pessoa no cotidiano, pois a dinâmica relacional se impõe e torna mais difícil o “descarte” do interlocutor.

¹⁶ Devido à importância da proximidade geográfica, este grande número de contatos não é disponível para usuários que vivem em cidades médias, pequenas ou na zona rural. Da mesma forma, a dinâmica da utilização da rede varia segundo a dimensão da comunidade em que vive o usuário. Um rapaz de 22 anos de uma cidade média do interior paulista me relatou que, ao acessar a internet em uma *lan-house*, encontrou na *web* “parceiros” sexuais que estavam no próprio local. Um homem da zona rural do Estado de São Paulo conta que fez muitos contatos, mas pouco os encontrou pessoalmente. A limitação geográfica e o contato real reduzido não o desanimam, pois afirma sentir-se “menos sozinho” quando conversa no Messenger com outros homens como ele.

meio da tecnologia recém-implementada 3G). Tal diversidade de perfis de usuários contrasta com o número limitado de *nicknames* utilizados nas salas de bate-papo.

Um conjunto de pouco mais de uma dúzia de termos se associa e forma a maioria dos apelidos nas salas do *chat*, sendo muito populares Gato, Macho, os aparentados Boy, Brother, Brow, Mano; os indefectíveis Ativo, Passivo e Flex (o termo mais corrente para os antigos “versáteis”) e os intercambiáveis e altamente elusivos Sarado, Malhado e Definido. O mesmo se passa – com algumas variações – nos anúncios e nos perfis do Orkut, Facebook e MySpace. Os apelidos expressam uma autoimagem, delimitam valores estéticos (gato, sarado, alto, forte), gênero (“macho”, o raro e frequentemente desvalorizado “afeminado”), morais (“firmeza”, sério), *status* profissional (médico, advogado, executivo) e condições em que pretende se relacionar (discreto, sigiloso). Assim, *nicknames* sinalizam a busca de determinados parceiros. Os perfis e as definições mais detalhadas criam variações e reforçam definições dentro destes símbolos amplos, ambíguos e cambiantes. Apelidos como “Casado”, “Bi” ou definições por extenso com a observação “tenho mina”, “namoro mulher” podem expressar gênero (supostamente “macho”) e valor estético (homem que “parece” hetero costuma ser mais valorizado como atraente), assim como sinalizar para relação constituída em “sigilo absoluto”.

No caso dos anúncios de busca de parceiro, as fotos tendem a se sobrepor às informações escritas de forma que muitos usam no lugar da frase principal pedidos como “leia o perfil antes de entrar em contato”, o que a existência de chamadas como “ninguém lê mesmo isso aqui” sugere ser em vão. O mesmo se passa nos sítios de ampliação de redes de amigos como Orkut ou Facebook e só é diferente nos bate-papos. Ao contrário dos *sites* de anúncios de busca de parceiros que exige a criação de um perfil e senha para ter acesso ao conteúdo, nos *chats* é possível entrar de forma mais rápida. Esta facilidade significa também maior exposição pública, o que faz com que, apesar de ser possível construir e entrar com um perfil com foto, predominem usuários que preferem participar só com o apelido e sua descrição por extenso, aos quais, depois de uma rápida interação somam o uso do Messenger, de álbuns de fotos *on-line* ou da câmera.¹⁷

A seleção de parceiros se dá por “filtros” como os descritos anteriormente, mas os “eleitos” que podem realmente se tornar um caso, um relacionamento ou um amigo são aqueles convidados para o teste final: o encontro cara a cara. A “estranheza” do primeiro encontro, sensação recorrente nos relatos daqueles que buscaram transpor o mundo “virtual”, tem relação certa com a delicada transposição

¹⁷ Nas salas de bate-papo, observei uma baixa troca de mensagens em “aberto”, ou seja, legíveis por todos os presentes. Elas costumam ser de anúncios de serviços, apresentação de perfil e procura de parceiro e, às vezes, de algum “visitante” que entra para xingar os participantes. Não presenciei a formação de grupos de amigos que trocassem mensagens em aberto, o que verifiquei se passar em bate-papo similar nos Estados Unidos (no *chat* do *site* Gay.com). No Brasil, e nesta subdivisão Gay e Afins do Bate-Papo, predomina a interação aos pares com a troca de mensagens privadas.

da relação do espaço aparentemente secreto da rede para o da temida exposição pública. Muitos contam ter marcado um encontro em local público e descrevem o temor ou a apreensão diante da incerteza sobre a pessoa com quem se encontrariam. Também apontam o cuidado na conversa, nos olhares e no gestual, em suma, os encontros bem-sucedidos primam por outro valor muito cultuado (e procurado) na *web*: a discrição ou, mais claramente, o sigilo.

O encontro face a face costuma ser de avaliação recíproca e segue quesitos como conformação a imagens dominantes de masculinidade. Muitos rapazes relatam contatos prévios por telefone para avaliar o tom de voz e a conversa, ou seja, se o outro fala como “macho”, “brother” (o que é valorizado) ou se “fala mole” ou “mia” (termos pejorativos que associam o outro ao efeminamento e, sobretudo, à autodenunciação como *gay*). O “conjunto” procurado no parceiro soma aparência física atraente, voz grave, conversa que expresse valores comuns, mas quase sempre tem como moldura a possibilidade de constituir uma relação em segredo.

Reclamações ou críticas às relações forjadas *on-line* são frequentes entre os usuários de várias plataformas da internet, assim como constatações de que “ainda vale a pena tentar”, “a internet é como qualquer outro lugar, tem gente de todo tipo, até eu”. A mais comum das queixas é sobre o caráter efêmero das relações, mas predomina a atribuição do insucesso ao outro e raramente há qualquer fala ou análise sobre os dilemas que tento apontar neste artigo. Pouco se discute como as relações forjadas na rede estão dentro de um pacto, não expresso em palavras, mas cuja regra é o segredo compartilhado. Situação paradoxal em que o nexos de união é também o que frequentemente separa.

Tomando como base a demanda de sigilo e discrição que funda estas relações e molda sua transposição para o contato face a face, proponho analisar dois “tipos” que encontrei no bate-papo: o “brother” e o “macho”.¹⁸ Além de serem numericamente representativos nas salas,¹⁹ eles têm em comum um culto da masculinidade dominante que se revela em um ódio (termo êmico) compartilhado com relação a “efeminados”, os quais definem como os que parecem *gays* ou são “assumidos”.

Há uma verdadeira “comunidade” de rapazes na internet que costuma se apresentar como *Brother*, *Brow* e o menos privilegiado *Mano* (*nickname* que denota origem nas classes populares ou na periferia de São Paulo). O que unifica a maioria dos usuários que utilizam estes apelidos é a busca de reconstituição, na internet e particularmente nos contatos homoeróticos, de uma fraternidade masculina idealizada,

¹⁸ O apelido mais recorrente que encontrei é “Gato”, mas ele denota apenas valor estético, e seu uso é associado a outros que tendem a ser mais centrais, como “Macho”, “Brother”, “Maduro”, “Mulato”.

¹⁹ Nos horários de maior frequência, estes apelidos chegam a responder por cerca de 20% dos usuários. Apesar de a presença numérica variar, sua constância nas salas me levou a escolhê-los para análise mais detida.

cujo valor comum é a masculinidade compreendida como a identificação com os valores dominantes que a qualificam como hierarquicamente superior ao feminino e os alça ao compartilhamento do poder sobre as mulheres. É comum que se apresentem como “machos”, “discretos”, “que curte mina” ou mais raramente como bissexuais.²⁰ Em sua imensa maioria “odeiam afeminados” e procuram um parceiro para sexo ou relacionamento que seja também um amigo.

“BrotherZS” terminou recentemente um noivado. Morador do Jabaquara, bairro de classe média baixa, tem 27 anos e é técnico de informática. Apresenta-se no Messenger em foto com boné e cavanhaque e afirma procurar um “parceiro”. Relata ter conhecido vários homens pelo bate-papo, mas com a maioria só teve encontros sexuais, alguns a três. Perguntado se namorou algum rapaz, disse que sim, mas em segredo e que “a coisa não vingou”. Assim como relata a maioria dos “Brother”, sua busca resulta – quase sempre – em frustração, e o que suas falas permitem inferir é que, cara a cara, não veem seus contatos como parceiros com os quais negociam e reinventam a si mesmos. Suas demandas por um “irmão” se mesclam a falas que expressam visões unilaterais sobre relações sociais. Assim, entram em um dilema recorrente nas relações forjadas na internet e que tem origem no acesso individualizado e secreto.

Chegamos a outro “tipo” comum nos *chats* e que, algumas vezes, parece uma versão mais velha dos “Brothers” ou talvez mais iniciada no universo das relações homoeróticas. Trata-se daquele que se apresenta como “Macho” ou variações (MachoGato, MachoSarado etc.), definição que não apela para a constituição de laços ou relações. A maioria destes usuários, marcados por valores de uma classe média que cultua o individualismo, vê a internet como promessa de autonomia em relação às normas sociais. Um rapaz de 25 anos, estudante de pós-graduação na área de Direito em uma universidade da elite paulistana, costuma se apresentar como “Macho” em uma das salas de bate-papo Gays e Afins São Paulo. Ele afirma que “vive o que deseja por meio da internet e não se sente culpado por isso”. “Macho” se autodefine como bissexual e diz manter relações com mulheres em sua vida social próxima à universidade, trabalho e família.

“Macho”, assim como todos os homens com quem teclai que se afirmavam bissexuais ou tinham relacionamentos com mulheres, expressou vivência de “solidão” similar à dos que se autoidentificavam como *gays*. A aparência heterossexual em suas vidas cotidianas não os protege da sensação de “estranhamento”, tampouco os liberta dos mesmos temores de outros homens que apenas se relacionam com pessoas do

²⁰ Há salas de bate-papo específicas para bissexuais, mas as divisões entre aqueles que buscam contato com pessoas do mesmo sexo são muito fluidas e não respeitam a elusiva tríade hetero-homo-bi criada pela sexologia determinista de fins do século XIX. Isto corrobora a perspectiva construtivista e histórica sobre a sexualidade, a qual costuma refutar ponto a ponto as concepções biológico-psiquiátricas. A respeito da perspectiva sociológica e histórica sobre a sexualidade, consulte Foucault (2005) e Miskolci (2009).

mesmo sexo. Isto permite ir além das elusivas identidades sexuais e inferir – diante da heterossexualidade compulsória que ainda fundamenta nossa vida social – que desejos ou práticas homoeróticas geram “mal-estar” e relativo sofrimento. Tratam-se de dores socialmente engendradas, as quais, às vezes, geram histórias de depressão que podem levar – de forma esquemática – os de classe média e alta para a “terapia” (psicanalítica) e o uso de antidepressivos, e os das classes populares, para conversões religiosas.²¹

Apesar de sua formação superior, ou justamente para disfarçá-la, o *e-mail* de entrada de “Macho” no Messenger relaciona-se a seu time de futebol, e sua identidade no MSN é um anônimo “Eu”. Apresenta uma foto a distância, a qual permite apenas ver o corpo de alguém alto e malhado, mas diz abrir a câmera e mostrar o rosto quando está interessado em um possível parceiro para realizar o que define como “fantasias”, como sexo a três ou certas práticas sexuais menos ortodoxas. Sua fala permite identificar a crença corrente na sexualidade como meio de experimentação e autodescoberta, as quais afirma exercitar porque a internet permite que o faça sem se expor.

“Macho” e “Brother”, assim como a maioria dos usuários que entrevistei, partilham da crença de que a internet lhes dá autonomia com relação às normas sociais, característica que se mescla ao comportamento masculino dominante que desqualifica interlocutores. Dessa forma, não é mero acaso o caráter quase unilateral com que parte dos internautas homens lida com plataformas como bate-papo e que provavelmente molda também seus contatos *off-line*. Demandam descrições pormenorizadas, mas se furtam a fornecê-las, bem como exigem fotos ou câmera para conversar no Messenger sem necessariamente possuí-las ou disponibilizá-las. Isto revela, talvez de forma mais explícita – ainda que pouco distinta da realidade do dia a dia – como a internet potencializa a tendência a idealizar o parceiro sexual, a relação amorosa e mesmo sua própria inserção social, alçando o usuário ao topo de uma hierarquia que, sobretudo na interação face a face, tende a ruir, causando frustração e queixas. A culpabilização do outro pelo insucesso do encontro ou da relação mal encobre a dificuldade em reconhecê-lo como interlocutor.

Na internet, homens costumam se apresentar como mais jovens, altos, fortes ou másculos do que provavelmente serão avaliados no contato face a face. Também

²¹ De meus 13 entrevistados em profundidade, cinco tinham companhia, mas apenas um (atualmente solteiro) refletiu sobre a situação da parceira mulher que convive – aparentemente sem nem imaginar – com um homem que se interessa por pessoas do mesmo sexo. Trata-se de um administrador de empresas de 29 anos, morador do Tatuapé, bairro de classe média da Zona Leste de São Paulo. Ele relatou-me alguns dilemas que marcaram sua vida dividida entre relações públicas hetero e homo em segredo. João (nome fictício) chegou a se casar, teve uma filha, mas a “sensação de culpa” por trair a esposa com outros homens o levou à terapia e ao uso de antidepressivos. Segundo conta, terminou por se separar, mas manteve seus contatos com outros rapazes em sigilo até que, recentemente, afirma ter constatado que a “culpa” pela traição da esposa se estendia às relações efêmeras que mantinha com eles. Às vésperas de completar 30 anos, afirma buscar – pela primeira vez – uma relação amorosa duradoura com outro homem.

tendem a buscar (e até exigir) do outro padrões corporais e culturais a que eles próprios não atendem. Não se trata de fenômeno criado pela rede, pois algo similar pode ser identificado no estudo sobre gênero e sexualidade entre jovens cariocas desenvolvido pela antropóloga Mirian Goldenberg (2004). A pesquisa foi feita a partir da distribuição de centenas de questionários, os quais eram preenchidos individualmente e sob sigilo. Pedia-se para os jovens definirem a si mesmos e o parceiro ideal. A análise final mostrou uma ampla tendência à autoidealização e a construção de uma imagem do parceiro com base em valores hegemônicos os mais convencionais. Ao contrário do que poderia parecer à primeira vista, sozinhas (seja ao responder o questionário, seja ao acessar a *web*) as pessoas tendem a reiterar valores e imagens hegemônicas ao invés de se libertar delas.

Na observação de um de meus entrevistados, um professor de inglês de 27 anos, morador do Itaim Bibi, o fato anterior explicaria o caráter efêmero da maioria das relações forjadas na internet: “é como se estar com alguém fosse sempre perder a chance de estar com outro melhor que existiria por aí, em algum lugar...” Nos *sites* de relacionamento, esta busca por um ideal de perfeição é corporificada pelo Mr. Right, expressão de origem no contexto anglo-saxão que também faz sentido para brasileiros. O Mr. Right seria “o cara certo pra você”. Não há dúvida de que, na internet, o Mr. Right seja representado por fotos de homens másculos, jovens, com boa relação peso-altura, corpo em forma, em suma, por vários aspectos físicos que denotam pertencimento às classes favorecidas, acesso ao mundo do consumo e plena aceitação social. Em síntese, o Mr. Right é um ideal tão inalcançável quanto absurdo, já que alça a ícone do desejo homoerótico um homem perfeitamente ajustado à ordem heterossexual.

A internet ampliou as possibilidades do *cruising*, ou seja, da paquera ou pegação. Daí, a despeito dos relatos desencantados, predominar a valorização e o retorno à internet como meio privilegiado para a busca de novas relações. Isto se passa também porque, para a maioria, a *web* é o único local de sociabilidade em que pode expressar seus desejos, conhecer pessoas em situação similar e não arriscar ser repreendido ou humilhado por seus anseios. A promessa – raramente cumprida – da rede continua a ser a de um meio individual, autônomo e secreto de aceder a uma vida melhor, com amigos, casos, amores ou simplesmente dividir tristezas e sentir-se menos só em seus dilemas e confrontos cotidianos com uma ordem social que não reconhece suas demandas.

Um armário para dois

Se na parte anterior foquei em relações efêmeras e sexualizadas, neste item, proponho refletir brevemente sobre os relacionamentos amorosos forjados na internet

e sua moldura: a manutenção do segredo. Na busca de um relacionamento duradouro, a ilusão de autonomia individual se mescla ao segredo compartilhado em uma armadilha da qual a maioria não consegue escapar. Sem perceber, é neste nexos (individualismo e segredo) que se dá o contato na rede, estabelecendo uma verdadeira vida paralela. Os perfis duplos, *messengers* duplos, enfim, revelam a criação de uma existência paralela cuja centralidade emocional tensiona a vida “oficial” do cotidiano em que lutam para se inserir como pessoas “normais”, “discretas”, heterossexuais. Nas entrevistas, esta dualidade é aceita como “inevitável”, e o trabalho constante de manutenção das vidas em paralelo se pauta pela prioridade da socialmente heterossexual. Ainda que afirmem a importância das relações homoeróticas em suas vidas, vivem relegando-as a segundo plano, de forma que as práticas que relatam sobre a organização da vida cotidiana contradizem seus discursos.

Quando decidem encontrar alguém pessoalmente, se deparam com o que em geral definem como “a realidade”. O difícil – desejado, mas temido – encontro real é marcado por um processo avaliativo de cada uma das partes. Não é raro que o primeiro encontro face a face seja uma avaliação do quanto o parceiro é másculo, ou seja, “passa por hetero”. A avaliação da discrição do outro apenas aparentemente se funda na “masculinidade”, pois envolve também sinais de origem socioeconômica, étnico-racial e cultural. Um rapaz que seria avaliado como “discreto”, ou seja, “macho”, por outro de classe média alta poderia ser considerado “suspeito” de acordo com padrões de um *Brow* ou *Mano*. A “masculinidade” é, portanto, negociada e imaginada diferentemente segundo origens e contextos. De qualquer maneira, é inegável que vigora, entre estes homens, uma homofobia²² explícita, a qual se mescla a outros preconceitos que dirigem aos outros (e raramente notam que também afetam a si próprios).

Sobretudo, é a partir do encontro que se deparam com algo que dificilmente são capazes de definir em palavras que não sejam as de expressão de insatisfação: a suspensão da imaginada autonomia individual, a qual passa a ser “negociada”, e o retorno do risco que a internet parecia suspender: o de ser “descoberto”. Pior, o encontro – para ser bem-sucedido – exige a constituição de certo compartilhamento deste risco, pois a relação iniciada com o contato pela internet cria uma nova situação: um armário para dois.

O caráter secreto do contato *on-line* passa da vivência individual para a compartilhada no espaço público. Ao temor da exposição a conhecidos se soma a dependência

²² Uso o termo homofobia de forma distinta de seu uso corrente na mídia ou no movimento LGBTT. Ao invés de violência contra homossexuais, compreendo – a partir do arsenal teórico queer – que a homofobia pode designar a rejeição subjetiva de expressões públicas que possam ser reconhecidas como homossexuais. Ela é patente em afirmações como “odeio afeminados”, a qual expressa – pelos próprios homens que se relacionam com outros homens – não a rejeição às mulheres ou à feminilidade (o que poderia ser chamado de misoginia), mas o temor e o nojo do feminino na apresentação física ou gestual de um homem, pois isto o revelaria publicamente como “impuro”, abjeto, em suma, “anormal” (queer). Em simetria a esta compreensão do termo homofobia no nível subjetivo, se encontra o heterossexismo cultural e institucional que naturaliza a heterossexualidade.

no outro para a manutenção de seu segredo. Trata-se de uma particularidade difícil e dolorosa das relações entre homens, a qual complica o envolvimento, pois aquele a que se deseja (ou ama) também é aquele que se teme (por conhecer seu segredo). Vários usuários relataram temer que a simples exposição no espaço público por si só poderia “denunciar” a homoafetividade do casal. Um arquiteto de 29 anos morador da Vila Mariana, bairro de classe média, conta

Nós não podemos nos tocar em público e até a forma de se olhar pode ser perigosa... Na última vez que namorei um cara que conheci na *net*, a gente só se encontrava no meu apartamento ou no dele, sozinhos. Não tínhamos aonde ir juntos e quando decidimos visitar a *The Week* [boate paulistana com público predominantemente *gay*] com dois amigos dele, eu me senti péssimo, sendo analisado por eles... A coisa não durou. Ele era muito mais neura que eu: não podia ir a nenhum lugar. O mais absurdo é que ele malhava na academia mais *gay* de São Paulo e parecia desconfiar que eu é que podia denunciá-lo.

Há casos em que a exposição se dá na própria *web*, visto que – em parte – ela já é espaço público. Um homem de 35 anos relatou que, durante um relacionamento com um rapaz no armário, uma ex de seu namorado descobriu – em seu álbum do Orkut – uma foto em que os rapazes apareciam juntos. A foto foi suficiente para gerar fofocas entre os amigos “hetero” do outro. O rapaz “no armário” teve uma reação paradoxal, mas reveladora, ao pedir ao parceiro que deletasse a foto em que estavam juntos. Ele comentou sobre as fofocas da ex de que encontrara uma evidência de sua homossexualidade: “Como ela pode pensar isso de mim? Nós transávamos, e eu nunca dei margem a este tipo de suspeita.” Esta reação, em que um rapaz homo-orientado compreende a si mesmo como “hetero” e atribui a homossexualidade ao parceiro, não é incomum.²³ Segundo o entrevistado, ele não retirou a foto do Orkut, o que levou o namorado a deletá-lo de seu grupo de amigos, posteriormente da lista de contatos de seu *Messenger*, até romper a ponto de não mais ligar nem atender suas ligações. “Ainda hoje, nas raras ocasiões em que o encontro na rua, ele finge que não me conhece e mantém um falso olhar para a frente, como se eu fosse invisível.”

Ainda que esse caso não seja raro e – com variações – tenha sido relatado por vários entrevistados, a maioria dos dilemas em que se inserem as relações forjadas na *web* costuma emergir na vida *off-line*. É no cotidiano que as vidas paralelas mais correm o risco de se cruzar, daí os relatos de manobras mirabolantes para evitar o risco de que a afetividade os torne reféns do preconceito e da vergonha.²⁴ Grande parte dos relatos de insucessos amorosos de meus entrevistados tem como clímax o momento em que eles ou seus parceiros encararam esta situação. Na maioria dos casos, a escolha é o armário. O retorno à internet em busca de outra tentativa não

²³ A frequência com que ocorre a projeção do estigma no outro é atestada pela existência de uma camiseta com a frase “Não sou *gay*, meu namorado é que é”.

²⁴ Os relatórios do Grupo Gay da Bahia e os resultados das pesquisas organizadas pelo CLAM durante a Parada do Orgulho LGBTT de São Paulo fornecem evidências do preconceito e do perigo real a que ficam expostos aqueles e aquelas cujos interesses homoeróticos são visíveis.

modifica este roteiro, que parece se repetir ao infinito. Continuam a coordenar duas vidas paralelas e é neste limbo do armário que vivem. Dizem não estar nas margens que associam ao “meio”, mas em uma situação que descrevem em termos como “corda bamba”. O que relatam na *web* são existências comprimidas entre a marginalidade que recusam e a impossibilidade de aceitação social plena.

Dilemas e promessas da internet

A sociabilidade homoerótica na era da internet alçou este “meio” a espaço privilegiado para contatos e busca de relacionamentos. Os usuários adentram na rede e, em segredo, circulam por diversas plataformas que associam na constituição de uma vida paralela que imaginam construída em “território limpo”, leia-se “masculino”, em oposição ao mito do “meio” *gay* como território “impuro”, associado ao “afeminamento” e à marginalidade.²⁵

A realidade que investiguei é a de socialização homoerótica, na qual o culto da masculinidade hegemônica nada difere da criação social de uma forma de desejo por ela. O desejo que os guia está na masculinidade-padrão corporificada na imagem de um homem plenamente ajustado à ordem heteronormativa. Curioso paradoxo em que o desejo é homoerótico, mas se dirige ao homem “heterossexual”, ou seja, aos valores e às práticas historicamente construídos como típicos daquele que mantém a dominação masculina e a recusa das relações amorosas ou sexuais entre homens.

Os usuários da internet que buscam contato com pessoas do mesmo sexo conhecem o poder de seu desejo, daí temerem em si próprios – e no possível parceiro – tudo que possa denunciar um erotismo que afrontaria a crença na heterossexualidade como a própria ordem natural do sexo. São marcados pelo medo de serem descobertos, de se tornarem vítimas de seu desejo, de serem traídos por aqueles que amam. O cerne destes medos é que a atração por pessoas do mesmo sexo os leve necessariamente a confrontar a ordem social, perdendo o privilégio do gênero masculino, o que, de certa forma, os exporia a serem humilhados e (mal)tratados como mulheres. É este temor que os guia na busca por um ideal de parceiro amoroso (heterossexual) que se contrapõe às reais possibilidades que talvez os retirasse da recorrente queixa de solidão.

Os relatos colhidos na pesquisa apontam o fardo de viver em segredo como o que compele estes homens ao uso das plataformas de internet. O acesso individualizado e secreto tende a levá-los a criar uma espécie de vida paralela, na qual

²⁵ Sobre esta questão, consulte Taywaditop (2001), o qual retrata a história do mito da “inversão sexual” na “ciência” e na vida social. Segundo Taywaditop (2001), a rejeição de *gays* com relação ao estereótipo do “efeminado” nada difere da rejeição social à não conformidade de gênero. Ainda segundo o pesquisador, a maioria dos homo-orientados buscam expressar, por meio de atitudes contra o “afeminamento”, um compromisso em manter a hierarquia de gênero que privilegia o masculino, assim como a ordem de poder que faz valer a dominação masculina.

encontram amigos, ocasionalmente têm experiências sexuais prazerosas, mas raras histórias de amor bem-sucedidas. Nas salas de bate-papo, alude-se pouco a relacionamentos bem-sucedidos. Talvez porque tenham se perdido no passado daqueles com quem teclei ou, mais provavelmente, porque preferiram relatar as experiências malsucedidas. Fato compreensível diante do segredo que os impede de ter alguém para compartilhar sofrimentos “calados e invisíveis” na vida cotidiana.²⁶

A necessidade de encontrar alguém para falar de seu desejo – seja para criar uma relação amorosa, fazer amigos ou simplesmente compartilhar dores – faz da internet o mais novo meio de controle da sexualidade. Ao colocar o sexo em palavras, a rede se distancia das “regras” que marcavam o antigo “meio”, ou seja, o silêncio sobre o que se fazia. Assim, ao trazer o sexo ao discurso, a *web* faz também com que os internautas ampliem o papel da sexualidade em suas vidas e na própria forma como se compreendem.²⁷ Falar incessantemente sobre seu desejo constitui um exercício subjetivo que pode reforçar a impressão de que tudo não passa de “sexualidade”, pensamento reconfortante para homens que são incentivados desde a infância a separar amor de sexo. O reconforto desta divisão estaria em aceitar a ordenação de sua vida desde que construída como heterossexual (e quiçá reprodutiva) no espaço público da vida familiar e do trabalho e homo-orientada apenas em segredo, desvinculada de afetividade ou compromisso duradouro.

Minha pesquisa é ainda incompleta e limitada, mas sugere que a internet ampliou o armário duplamente: por ter introduzido nele muitos que jamais explicitariam desejos por pessoas do mesmo sexo – e que o fazem agora graças ao anonimato – e também porque a maioria das relações forjadas *on-line* já surge secretamente. A *web* não extinguiu a principal fonte de preocupação, sofrimento e solidão de muitos que compartilham desejos por pessoas do mesmo sexo: o segredo. O armário ainda parece ser o mecanismo de controle de suas vidas, no fundo, solitárias, já que vividas em um limbo comprimido entre a socialmente aceita e a secreta, em que tentam alocar seus desejos, prazeres e sonhos.

A rede não só expandiu o *closet*, mas também tende a transformá-lo ao oferecer oportunidades e alternativas de socialização impensáveis para gerações anteriores. Nem mesmo a solidão dos que desejam pessoas do mesmo sexo é a mesma, já que podem compartilhá-la reconhecendo sua não excepcionalidade e diminuindo seu sofrimento. As relações iniciadas *on-line* misturam reaprisionamentos e liberações

²⁶ Muitos usuários classificam os bate-papos como marcados pela busca de sexo imediato, enquanto os *sites* de anúncios ou de relacionamento privilegiariam relações duradouras e menos sexualizadas. Minha investigação sugere que tal divisão é enganosa, pois *sites* de anúncios estampam grande número de ofertas de sexo, enquanto em bate-papos há número considerável de homens em busca de relacionamento duradouro.

²⁷ Michel Foucault explorou em detalhes o fenômeno histórico que trouxe a sexualidade ao discurso desde a técnica cristã da confissão até a psicanálise em *História da sexualidade I: a vontade de saber* (2005). Segundo o filósofo, o dispositivo histórico da sexualidade se caracteriza pela inserção do sexo em formas de regulação baseadas em uma rede de discursos. No presente, não seria exagero afirmar, a internet é um dos microdispositivos da sexualidade.

relativas, podendo gerar resistências ao velho dilema do armário e seu dualismo identitário, que impõe a escolha férrea entre a exposição pública (assumir-se) ou o aprisionamento na intimidade (segredo). Apenas investigações mais longas, completas e aprofundadas poderão apontar se destas resistências surgirão formas novas – talvez mais sofisticadas e socialmente transformadoras – de inconformismo com relação à heterossexualidade compulsória.

Abstract: The article presents preliminary reflections about an ethnography on gay chats directed to a male audience in the city of São Paulo, Brazil. It shows how men use this web platform in connection with relationship sites, online adds and messengers with the aim of creating love relations and friendships that become shaped by the same aspects in which they were originated: individualized access and secrecy. At last, it analyses few of the dilemmas and promises that internet presents in building friendships, love and sexual relationships that were unknown to old generations.

Keywords: sexuality; internet; secret; queer life; closet; queer theory.

Recebido em janeiro de 2009 e aceito para publicação em abril de 2009

Referências

- CHAUNCEY, George. *Gay New York*. New York: Flamingo, 1995.
- DORNELLES, Jonatas. O Orkut e a terceira forma de sociabilidade. *Ciências Sociais*, São Leopoldo, v. 41, n. 3, p. 163-171, 2006.
- ERIBON, Didier. *Reflexiones sobre la cuestión gay*. Barcelona: Anagrama, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Graal, 2005.
- FOUCAULT, Michel; SENNETT, Richard. Sexualidade e solidão. *London Review of Books*, London, p. 47, 1981.
- GOLDENBERG, Mirian. *De perto ninguém é normal*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- GREEN, James N. *Além do Carnaval: homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2000.
- GUDELUNAS, David. Online personal ads: community and sex: virtually. *Journal of Homosexuality*, [S.l.], v. 49, n. 1, 2005.
- MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. Aquele não mais obscuro negócio do desejo In: PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Fundação Editora Perseu Abramo, 2008.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 21, jan./ jun. 2009.

MISKOLCI, Richard. Comentário [sobre A Epistemologia do Armário de Eve K. Sedgwick]. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, v. 28, Dossiê Sexualidades Disparatadas, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>.

PARREIRAS, Carolina. Sexualidades.com: uma análise das relações interpessoais em comunidades virtuais. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 2007, Caxambu. *Anais...* Disponível em: <http://201.48.149.88/anpocs/arquivos/10_10_2007_14_46_15.pdf>.

PELÚCIO, Larissa. *Na rede com os T-Lovers: o uso de plataformas da internet como instrumento de pesquisa*. São Carlos: [s.n.], 2005. Mimeo.

PISCITELLI, Adriana. Viagens e sexo online: a internet na geografia do turismo sexual. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 25, Dossiê Mercado do Sexo, p. 281-326, 2005.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia (Ed.). *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 10, n. 21, Dossiê Antropologi@web, jan./ jun. 2004.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, v. 28, Dossiê Sexualidades Disparatadas, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>.

SEIDMAN, Steven. *Beyond the closet: the transformation of gay and lesbian life*. New York: Routledge, 2004.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins. Do gueto ao mercado In: _____. *Homossexualismo em São Paulo*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2005.

TAYWADITEP, Kittiwut Jod. Marginalization among the marginalized: gay men's anti-effeminacy attitudes. *Journal of Homosexuality*, [S.l.], v. 42, n. 1, p. 1-28, 2001.